

ELDORADO DO SUL – UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA ACERCA DE UMA CIDADE DEVASTADA. O LUTO DAS PERDAS INVISÍVEIS: A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA NO PROCESSO DE LUTO ACERCA DE UMA CIDADE DEVASTADA

Karen Roberta Souza de Almeida¹

Diego da Silva²

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo o foco das problemáticas psicológicas, e a contribuição da psicologia, a qual pode ser de suma importância, quando utilizada de maneira humanizada, visando o contexto das catástrofes naturais e suas consequências, com o intuito de trazer à tona a problemática de uma cidade inteira devastada por uma catástrofe natural. O presente trabalho preocupa-se em expor as angústias a cerca de um luto coletivo, mas outrora chamado de luto invisível, o qual ocorre através das perdas de bens materiais, em muitos os casos, sendo comparado e minimizado frente a perda de vida. O principal intuito, trata-se em levar o leitor a uma leitura em ordem cronológica acerca dos fatos ocorridos na cidade de Eldorado do Sul, duramente o mês de maio, onde a cidade foi completamente devastada pela enchente, desolando seus moradores e desocupando centenas de residências. Preocupa-se também, em analisar o luto pela perspectiva psicanalista, e o manejo do luto em questão, intitulado como “luto das perdas invisíveis,” elaborando através da psicanálise, os meios de manejo para lidar com a dor e sofrimento ocasionado por tamanha catástrofe. Neste artigo também estão expostas de forma cronológicas, tamanhas perdas relacionadas a cidade intitulada como a cidade mais atingida pela enchente do rio grande do Sul, visando demonstrar as intempéries por trás de uma cidade submersa pelas águas e seu rastro psicológico de destruição, visando a contribuição da psicologia neste processo de elaboração do luto.

791

Palavras-chave: Catástrofes climáticas. Rio grande do Sul. Psicologia dos desastres. Psicanálise. Enchentes. Sigmund Freud.

INTRODUÇÃO

As catástrofes naturais, são responsáveis por expressivos danos e perdas, de caráter social, psicológico e ambiental, ocasionando em perdas e danos significativos aos atingidos. O presente artigo, visa abordar a tragédia climática ocorrida no município de Eldorado do sul, rio grande do Sul, e sua alta complexidade de danos, observando sua dimensão catastrófica, social e ambiental, além da problemática psicológica oriunda das perdas de objetos de caráter afetivo.

O mês de maio, do ano de dois mil e vinte e quatro, jamais será esquecido, devido à grande cheia no estado, a qual atingiu diversos municípios, vitimando o estado inteiro e desalojando a população, a qual se viu em estado de calamidade pública, forçada pela natureza a

¹ Discente de Psicologia da Uniensino 10 período.

² Docente de Psicologia da Uniensino.

abandonar seus lares, pertences, animais de estimação (em alguns casos) e objetos afetivos, ligados a memória de familiares já falecidos.

As consequências psicológicas de um desastre são inevitáveis, pois este se configura sempre como uma fonte acelerada de estresse e representa sempre uma ameaça à vida e fonte de destruição (CFP, 2005).

Segundo o jornal (zero hora) o município de Eldorado do Sul, que fica na Região Metropolitana, se tornou a cidade gaúcha mais atingida pela enchente que assolou o Estado neste mês de maio. No total, 80,8% dos domicílios do município foram atingidos pela água, com 31.964 de pessoas do local sofrendo diretamente com a tragédia climática.

“Enchentes, dilúvios e desastres parecem ser uma tormenta de longa data aos povos do Rio Grande do Sul e um dos recentes acontecimentos registrados principalmente na região da capital deste estado, tiveram muita semelhança aos do ano de 1941.” (SILVA, KIOKO, DAL MOLIN, 2024) As contribuições da psicologia são muito importantes na prevenção e redução de desastres, bem como no tratamento das consequências psicológicas oriundas de um evento adverso vivido por um indivíduo, por uma comunidade ou cidades inteiras.

Este episódio ocorrido, fez com que inúmeras pessoas, em poucas horas se vissem ilhadas, aguardando resgate, à mercê da fome, frio, abalo psicológico e risco de vida.

792

A crise humanitária sem precedentes que atingiu o Estado do Rio Grande do Sul devido às precipitações foi intensa. As chuvas em elevado nível causaram inundações generalizadas, excedendo as expectativas, falhas são apontadas devido à falta de infraestrutura e de planejamento urbano, o que resultou em danos materiais e ambientais imensuráveis.

Da população total de 39.556 habitantes de Eldorado do Sul, cerca de 32 mil tiveram que sair às pressas, como numa guerra, e 100% da área urbana da cidade foi atingida pela água, sem exceção, além de boa parte da área rural. Acostumado a enchentes, pela sua topografia plana, o município já tinha um plano de contingência para essas situações, que incluía o uso de ginásios previamente indicados para abrigar os moradores.

"Mas a inundação foi tão grande dessa vez que os ginásios preparados para abrigos também foram alagados", conta o secretário de Planejamento do município, Josimar Cardoso. Segundo as estimativas da prefeitura, 20 mil residências foram atingidas, e muitas delas ficaram totalmente comprometidas. (VILELA, AGÊNCIA A BRASIL, 2024)

As contribuições da psicologia são muito importantes na prevenção e redução de desastres, bem como no tratamento das consequências psicológicas oriundas de um evento adverso vivido por um indivíduo, por uma comunidade ou cidades inteiras.

Este episódio ocorrido, fez com que inúmeras pessoas, em poucas horas se vissem ilhadas, aguardando resgate, à mercê da fome, frio, abalo psicológico e risco de vida. “Todos os acontecimentos vivenciados pelos moradores do Rio Grande do Sul, sensibilizaram não só o Brasil, como o mundo todo. Notícias circularam pelos principais meios de notícias internacionais, como o caso do britânico The Guardian, citando os dados recentes da Defesa Civil e o francês Le Monde dizendo que o Rio Grande do Sul continua devastado pelas inundações.” (SILVA, KIOKO, DAL MOLIN, 2024)

Diante de tamanha catástrofe, se faz fundamental uma revisão acerca da contribuição da psicologia acerca das demandas trazidas após o ocorrido, visando acolher inicialmente as vítimas, as quais passam por um período de reabilitação em suas variadas faces, emocional, financeira, familiar e local; adaptando a uma nova realidade de vida, forçadamente alçando novas expectativas e caminhos a cerca de uma catástrofe.

A elaboração de um luto, neste caso consiste não apenas na elaboração e superação de perdas, mas na elaboração de uma vida, sob uma nova perspectiva de vida, visando adaptar-se a mudanças forçadas, sonhos frustrados, e projetos de vida interrompidos. trabalhando um olhar e expectativas individuais para cada indivíduo, uma vez que somos seres singulares, e processamos de uma maneira individual acerca das perdas plurais.

METODOLOGIA

Para este projeto, foi utilizado como método de estudo, uma revisão bibliográfica acerca de artigos científicos, bem como foi realizada uma pesquisa de cunho teórico, através da análise de dados sobre a tragédia ocorrida no município de Eldorado do Sul, através da análise de matérias retiradas de sites de notícias, e jornal, com o intuito de promover um melhor entendimento acerca do tema exposto neste artigo, foram utilizadas como método de pesquisa, relatos pessoais realizados em entrevistas através de sites de mídias, bem como fotos e relatos publicados pela mídia previamente.

3 O RETRATO DE UMA CIDADE ANTES E APÓS A DEVASTAÇÃO.

De acordo com o IBGE, O território onde está situado o Município de Eldorado do Sul foi inicialmente ocupado por estancieiros açorianos pertencentes ao grupo pioneiro de Jerônimo de Ornellas, na metade do século XVIII.

A partir de 1930, a região à margem direita do Rio Guaíba passou a servir de balneário turístico à população de Porto Alegre e de porto para os barcos que iam para a capital, como meio de transporte. Por volta de 1960, a área passou a ser habitada por colonizadores de origem alemã, que deram à localidade o nome de Balneário Sans Souci.

A região era composta de propriedades particulares que se dedicavam integralmente à pecuária e à cultura do arroz até a década de 1960. Nesse período as áreas passaram a ser fracionadas em chácaras e lotes menores e vendidas para fins de moradia. Devido à proximidade da Capital e ao seu fácil acesso através da BR 116, que há pouco tempo havia sido construída, na década de 70 houve um incremento na procura por terrenos para residência nesta localidade, dando origem à “Vila Medianeira”.

O crescimento populacional nestas regiões foi intenso na década de 70 e início da década de 80. Após anos de reivindicações, em 1985 começaram os trabalhos oficiais de emancipação da cidade, que buscavam a melhoria das condições e o desenvolvimento urbano para os bairros Medianeira, Itaí, Bom Retiro, Sans Souci, Picada e Guaíba Contry Club.

Após anos de mobilização, o trabalho de conquista da emancipação foi recompensado com o desmembramento destas áreas do Município de Guaíba. Em 08 de junho de 1988 é criado o Município de Eldorado do Sul.

O nome escolhido para a região emancipada, “Eldorado”, é de origem espanhola e significa “Terra do Ouro”, país imaginário que se dizia existir na América Meridional, lugar pródigo em delícias e riquezas. O município de Eldorado do Sul, situa-se na região metropolitana de Porto Alegre.

A cidade nos últimos anos, vinha em constante crescente desde a última década, onde o setor comercial, demonstrou forte potencial econômico, expandindo comércios e aumentando o capital financeiro e respectivamente ocasionando em uma melhora no potencial econômico da cidade, gerando novos empregos e possibilitando o crescimento e qualidade de vida até a respectiva catástrofe.



Figura 1: Imagem de satélite de cima da cidade de Eldorado do Sul, 1 mês antes da enchente.



Figura 2: Imagem de satélite de cima da cidade de Eldorado do Sul, no início da enchente.



Figura 3: Imagem de carros sendo arrastados pela corrente das águas.

De acordo com o Centro Integrado de Comando da Cidade de Porto Alegre (CEIC), o nível do rio Guaíba alcançou a maior marca desde 1967, com 2,70 metros. Após o levantamento realizado, até o momento, no Ginásio do Loteamento há 46 famílias e 150 pessoas abrigadas e o número de desabrigados não para de aumentar. As famílias afetadas, em toda a cidade, chegam a mais de 20.000, entre desabrigadas e desalojadas. A Secretaria de Assistência Social atuou com o fornecimento de alimentos, acomodação, além do apoio técnico e o cadastramento de todas as famílias alojadas no Ginásio do Loteamento.

Pode ser observado visivelmente nas imagens acima, a dimensão catastrófica que atingiu a cidade de Eldorado do sul, consumindo pelas águas e devastando o município inteiro, obrigando a uma evacuação de emergência e contribuindo para uma tragédia em massa, onde de acordo com (Tiago Boff, RBS TV e g1) 90% do município foi inundado pelas águas que vieram do Rio Jacuí e desceram para o Lago Guaíba, onde cerca de 40 mil habitantes tiveram que deixar suas casas. “As chuvas foram resultado de uma combinação de fatores, entre eles uma massa de ar quente sobre a área central do país, que bloqueia a frente fria que está na região Sul e faz com que a instabilidade fique sobre o Estado, causando chuvas intensas e contínuas.” (BBC NEWS, 2024)

Dentre as problemáticas expostas, se torna perceptível a tamanha dimensão da catástrofe a qual atingiu um município em potencial crescimento, forçando os moradores a deixarem seus lares em busca de sobrevivência, e vivendo dias com o título de “cidade abandonada” ou “cidade, fantasma “

796

Em entrevista cedida ao “Correio do povo, 2024”, o relato de dois comerciantes residentes de Eldorado do sul, expõe a situação e sentimento de luto de uma cidade que ainda colhe os frutos deixados pela destruição:

A adaptação do negócio foi inevitável. O salão de festas do restaurante transformou-se no novo espaço de atendimento, e o tradicional *buffet* deu lugar a um serviço mais enxuto, com pratos feitos e opções *à lá carte*. “Caiu para a metade o número de clientes, e à noite quase ninguém aparece. “A cidade, onde criamos nossas raízes, hoje parece uma cidade fantasma”, lamenta José, de 67 anos, que também observa que muitos empreendedores da cidade fecharam as suas portas para sempre.”

“Eni, de 64 anos, mantém a fé e a esperança apesar dos desafios. Ela, que antes era dona de um bazar, agora ajuda na cozinha do restaurante, entretanto considera reabrir a sua loja, para

atender clientes antigos. Mas afirma que será em um espaço mais modesto e não vai investir na mesma quantidade de produtos que tinha antes.”

Além da carga emocional, o casal também enfrenta dificuldades financeiras. Alguns funcionários antigos foram dispensados e ainda teve a necessidade de comprar material para a nova cozinha do restaurante. Eni revela que no momento a escolha é permanecer na cidade tanto pelos seus clientes, quanto pelos funcionários.

“A lembrança do dia da enchente permanece vívida. Eles foram resgatados de barco que navegava na altura do segundo andar do prédio. O casal foi para a margem da BR e ficou um mês na cidade de Guaíba. Além da perda dos materiais do restaurante e da loja, um carro também foi levado pelas águas.”

Através da entrevista mencionada, pode ser observado a representação deste casal, como um símbolo de força, determinação e resiliência frente ao caos.

Após esta análise cronológica, se faz possível visualizar tamanha catástrofe e sua dimensão de complexidade de danos, tanto durante, bem como meses após o ocorrido.

Visando uma cidade a qual vinha em crescente expansão de capital, tamanha tragédia, não somente desabrigou parcialmente os moradores, levou consigo, comércios, empregos, fontes de renda e projetos sonhados durante uma vida inteira, levando os residentes a um processo de enlutamento e ressignificação de perdas e danos, ressignificando projetos de vida e adaptando-se a uma cidade em processo abrupto de transformação.

797



Figura 4: Panorama de Eldorado do Sul após as inundações, destruição e entulhos.
Fonte: rafa neddermeyer (Agencia Brasil,2024)

4- O LUTO DAS PERDAS INVISÍVEIS

Diante de toda devastação a cidade emitiu um alerta de evacuação, obrigando os residentes e seus familiares a deixarem suas casas, bens e histórias de vida.

“A reação ao encontrar a casa alagada foi muito difícil. Foram dias de muito choro, muita tristeza. Os bens materiais, nós trabalhamos e podemos reconquistar. Mas o quadro, os álbuns, as fotos e as memórias são tão lindas e não tem como refazer ou recomprar. São memórias muito fortes”, diz chorando à reportagem.” (ALMEIDA,⁴⁶) “A gente batalhou a vida inteira por nossa casa. Agora é rezar pela vida”, diz o esposo, que relata os danos,

“Realmente vou ter que evacuar toda a cidade, vou ter que tirar tudo. Só pode ficar aqui no nosso município quem terá condições de ficar trabalhando para fazer o rescaldo [de limpeza] da cidade. Porque a cidade está sem água, sem luz, e tomada pela água [das enchentes]. Então, se Deus quiser, apesar de todas essas dificuldades, nós vamos conseguir sair dessa e vamos recuperar a nossa cidade. Eu sei que será difícil. Vamos demorar pelo menos um ano para recuperá-la.” (Freitas, e prefeito de Eldorado do Sul).

Através destes relatos de algumas vítimas do município, é possível ter uma dimensão de tamanha dor e sofrimento frente as perdas e o rastro do luto deixados por tamanha catástrofe. “O luto é um processo lento e doloroso, que tem como características uma tristeza profunda, afastamento de toda e qualquer atividade que não esteja ligada a pensamentos sobre o objeto perdido, a perda de interesse no mundo externo e a incapacidade de substituição com a adoção de um novo objeto de amor” (FREUD, 1915). Dentre as inúmeras perdas, os indivíduos atingidos acabaram por se deparar com a perda de memórias afetivas e de entes queridos os quais já partiram. a qual chamamos neste artigo de “luto das perdas invisíveis”.

Em meio a imensidão de casas tomadas pelas águas, levavam consigo histórias de uma vida inteira, memórias e lembranças conquistadas com tanto carinho e afeto, outrora sendo arrastadas ao léu por uma correnteza de águas, lama e lágrimas, lágrimas de tristeza, daqueles que com sentimento de incerteza, dor, fragilidade e impotência, deixavam suas casas, sem rumo, em busca primeiramente de sua sobrevivência. Para Freud (2010, v. 12, p. 128), o “[...] luto é a reação à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração que ocupa seu lugar, como pátria, liberdade, um ideal etc.”

“O lugar pode adquirir profundo significado para o adulto através do contínuo acréscimo de sentimento ao longo dos anos. Cada peça dos móveis herdados, ou mesmo uma mancha na parede, conta uma estória. A criança não apenas tem um passado curto, mas seus olhos, mais

que os dos adultos, estão no presente e no futuro imediato. Sua vitalidade para fazer coisas e explorar o espaço não condiz com a pausa reflexiva e com a olhada para trás que fazem com que os lugares pareçam saturados de significância. A imaginação da criança é de um tipo especial. Está presa à atividade. Uma criança cavalga um pau como se estivesse sobre um cavalo de verdade, e defende uma cadeira virada como se fosse um verdadeiro castelo.” (TUAN, 1983, p. 37).

Deste modo, o sentimento de pertencimento, está ligado a maneira como processamos nossas memórias e referenciamos nossa cidade da infância como “meu lugar no mundo,” memórias estas, que diante de uma catástrofe, podem se tornar um refúgio, revivendo momentos e acontecimentos em lugares os quais permanecem em constante mudança. O caráter livre e espontâneo, quase onírico da memória é, segundo Halbwachs, excepcional. Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. [...] A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoa nossa consciência atual (BOSI, 1987, p.17). O processo do enlutamento, pode ocorrer de forma natural, e geralmente está relacionado com o sentimento de lidar com perdas, ligadas a perder alguém, ou algo de cunho afetivo significativa na vida do indivíduo, pode ser observado o processo de luto como uma resposta imediata a qual ocorre inevitavelmente após uma perda, a qual em muitas vezes, se torna invalidada, devido ao luto o qual chamamos neste artigo, de “luto invisível” quando o sofrimento ocorre através da perda de bens e objetos de cunho afetivo. Após uma grande calamidade, se torna muito habitual o uso de frases de consolação, destinadas às vítimas que conseguiram sobreviver: “bens materiais a gente corre atrás, o importante é sobreviver.” Tal afirmação, muitas vezes dita inocentemente e em uma tentativa de consolo, pode acabar por invalidar um sentimento de perda, a qual a pessoa enlutada, tenta processar seu sentimento de dor, tristeza e falta, muitas vezes ocasiona até em pensamentos de culpa por parte da vítima.

Ao explicar o conceito em Luto Freud (1915) o entende como uma reação à perda, não necessariamente de um ente querido, mas também, algo que tome as mesmas proporções, portanto um fenômeno mental natural e constante durante o desenvolvimento humano. Tal definição, encaixa-se nesta primícia de luto das perdas, as quais muitas vezes passam despercebidas, pois culturalmente, visamos o luto, como a perda de vida, muitas vezes anulando o sentimento da perda material, a qual neste caso em específico, traz consigo os

simbolismos de uma vida inteira, de amor, afeto e até mesmo uma tentativa de substituição e aconchego frente a perda de entes queridos.

Klein (1940) ensina em sua teoria sobre o objeto de amor, assim como seus objetos bons da infância, foi introjetado e instalado no seu mundo interno. Dessa forma, quando se instala o luto adulto, o indivíduo tem uma fantasia inconsciente de que com o objeto perdido todos os seus objetos bons, inclusive seus pais bons internalizados, foram perdidos, predominando então os objetos maus, reativando assim a posição depressiva e suas ansiedades derivadas: culpa, sentimentos de perda provindos do desmame, complexo de Édipo e outras fontes, além de alguns sentimentos de perseguição que também podem ser reativados. Ou seja, quando ocorre a perda real, em sua fantasia, o indivíduo acredita que seu mundo interno foi destruído. O processo de luto para a autora consiste então na reestruturação do mundo interno, reintrojetando o objeto bom de maneira a reestruturá-lo, assim como todos os objetos que acreditou ter perdido, recuperando aquilo que já havia obtido na infância. Deste modo, podemos ligar as lembranças de uma cidade inteira devastada. Eldorado do sul, não teve somente suas ruas alagadas, as águas do rio levaram consigo, as memórias da primeira escola, as brincadeiras, lembranças de uma infância inteira, memórias positivas e negativas, sendo as positivas muitas vezes, usadas como um refúgio e apego daqueles que já se foram.

800

O processo a qual passamos para vivenciar e elaborar certas perdas pode ocorrer através da elaboração deste luto. A Psicanálise, explica que o luto é um sofrimento humano o qual faz parte do processo mental, não se tratando de uma patologia, mas explica que o mesmo, pode ocorrer de maneira intrapsíquica, visando a recuperação das funções psíquicas e, na maioria dos casos pode ocorrer de uma forma saudável, sendo superado sem causar maiores danos, quando tratado corretamente. “Quando envolve sentimento, a aceitação da perda fica mais difícil, levando o sujeito a um estado de luto, onde ele mergulha em profunda tristeza por várias semanas e até meses sendo muitas vezes confundido com alguma patologia, onde segundo Freud, uma mesma situação pode produzir no sujeito melancolia ao invés de luto, levantando a hipótese de que essas pessoas possuem uma disposição patológica” (Campos, 2013).”

O sentimento do luto através da perda de seus objetos investidos de afeto (pessoas, coisas, lugares, fotos, memórias.) bem como pode ser observado na tragédia ocorrida em Eldorado, tende a seguir algumas fases.

Sendo elas:(negação, raiva, barganha, depressão, aceitação). A negação na qual o indivíduo em muitas vezes, reage como se estivesse em um pesadelo, negando os fatos

acontecidos, apoiando-se em uma esperança inexistente dos fatos. Já durante a fase da raiva há uma revolta significativa envolvendo a situação e início de culpa ao outro e a si mesmo. Durante a barganha, ocorre uma tentativa de reverter a situação. A quarta é a depressão, período introspectivo caracterizado pela tristeza, solidão e choro. Por último a aceitação, momento em que a realidade confronta a pessoa e ela se dá conta de que não há volta no tempo para mudar o passado. Apesar do luto ser um processo fisiológico e psicológico natural de todo indivíduo, se persistente ele pode se tornar um luto patológico, podendo ocasionar em uma depressão. Nestes casos, torna-se imprescindível a procura por acompanhamento psicológico para que se faça o tratamento. Para a compreensão de como o luto das perdas objetais e de cunho afetivo afeta o nosso psiquismo, se torna imprescindível que entendamos como funcionam nossas memórias e lembranças, e tal maneira as quais impactam o indivíduo mediante a perda de cunho afetivo que remetam as memórias afetivas.

A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoa nossa consciência atual (BOSI, 1987, p.17). As impressões que ficam registradas em nossa memória são

As quais foram produzidas através dos sentimentos, tendo em vista que a visão é o sentido mais sensível e o que mais registra, recorreremos à imagem para conservar a lembrança,, percebendo que o homem se utiliza da memória para conservar informações e preservar a espécie. Os objetos não estão apenas carregados de memória, de personalidade e de histórias, mas podem estar carregados de significados, simbologias que representam a visão de mundo que o indivíduo tem e qual a relação que ele tem com este mundo. Para Silveira e Lima Filho (2005, p. 40), “o objeto, portanto, fala sempre de um lugar, seja ele qual for, porque está ligado à experiência dos sujeitos com e no mundo, posto que ele representa uma porção significativa da paisagem vivida”. Nesse sentido, todos objetos, em especial aqueles que possuem uma relação mais afetiva com o seu dono e representam algo mais simbólico do que simplesmente peças, podem ser entendidos como documentos, objetos biográficos, narradores e suportes de memória. Em entrevista cedida a (BBCNEWS,) A jovem Paola, 27 relata a dor da perda das únicas lembranças físicas e objetais que restavam de seu pai:

“Dá uma tristeza muito grande ver a foto assim, mas graças a Deus eu tenho toda a minha família viva. E, se isso aconteceu, foi vontade de Deus e ele deve ter um propósito melhor para todos nós”, diz.

“Paola conta que chorou muito ao perceber que a imagem que ela guardava com mais carinho também foi destruída pelas águas. Trata-se de uma foto pequena do pai, que faleceu quando ela tinha 6 anos, e que ficava no fundo, de um pequeno binóculo antigo.

“Minha vó me deu essa foto quando eu tinha 6 anos. Ela ficava dentro de uma caixinha para não pegar sujeira e hoje eu a encontrei destruída. Fiquei muito triste mesmo. Só consegui salvar umas fotos que eu tinha guardado dentro de um saco de lixo e uma bíblia”, diz. (BBC News, 2024)

Os álbuns de família, além de contar memórias de uma herança geracional, traz consigo, o poder de eternizar momentos, guardar características, sejam elas, individuais ou coletivas de cada família, em sua maioria uma foto se relaciona com a outra, como se um livro de histórias, onde uma página consecutiva da outra, vai narrando os enredos de uma história familiar, onde podem ser encontradas, cenas de um casamento, batizado, aniversário (como no caso de paola) ou até mesmo, lembranças de um simples almoço em família, memórias do primeiro dente que cai, pra primeira volta de bicicleta, bem como pode eternizar a última roupa vestida por um ente querido que já se foi.

Reviver estes momentos, pode despertar sentidos, não somente visuais, bem como, podem levar o indivíduo a através de uma imagem, poder sentir aquele ambiente, como o cheiro do café da vovó, o perfume das flores no jardim, ou até mesmo o perfume de uma pessoa amada.

802

Entender a importância das memórias eternizadas, se faz essencial no processo de entendimento do luto trazido nesta leitura, intuindo uma compreensão acerca da perda de pessoas, que como visto anteriormente, além do luto material, carregam consigo, um luto que vai além de algo que se possa recuperar, impactando ainda mais não vivencia da perda por morte, agravando e o fazendo reviver o sentimento de luto do dia morte, atuando como um sentimento de perder novamente a mesma pessoa.



Foto: 5, Paola fotografou o que restou da foto do pai dela dentro de mini binóculo, que guardava desde quando a ganhou com 6 anos de idade (BBCNEWS,2024)

5- A CONTRIBUIÇÃO DA PSICANÁLISE NO LUTO INVISÍVEL

803

Durante o processo de luto, inevitavelmente ocorre a inibição de atividades as quais não se ligam ao objeto perdido, juntamente com o desinteresse pelo mundo externo.

Para Freud (1915), a inibição é expressão de uma exclusiva devoção ao luto, devoção que nada deixa a outros propósitos ou a outros interesses, ainda segundo Freud (1926), em Inibições, Sintomas e Ansiedades, o autor fala sobre a Inibição, que também não apresenta necessariamente uma implicação patológica, sendo uma restrição da função do ego imposta como medida de precaução ou acarretada como resultado de um empobrecimento de energia. O ego, durante o processo do luto, está envolvido e absorvido em uma tarefa psíquica, perdendo uma grande quantidade de energia à sua disposição, tendo que reduzir o consumo dessa energia em muitos pontos ao mesmo tempo.

Deste modo, um processo de luto mal elaborado, pode desencadear uma série de patologias e se manifestar de inúmeras formas, tais como melancolia ou estagnação do desenvolvimento. (Oliveira, 2001).

A psicanálise é uma abordagem terapêutica segura e amplamente reconhecida, a qual possui mais de um século de trabalho e milhares de pesquisas no campo científico. Baseada nos estudos de Freud e Lacan, ela promove o trabalho do sujeito sobre si mesmo e possibilita e a

resolução de conflitos internos, possibilitando ao indivíduo o enfrentamento de traumas e angústias profundas. Por meio da escuta atenta e da interpretação de padrões inconscientes, a psicanálise oferece resultados duradouros na saúde mental, trazendo mais equilíbrio e bem-estar.

Durante o cenário acerca da Primeira Guerra Mundial, o psicanalista Sigmund Freud, passou a estudar a fundo acerca do sofrimento psíquico, onde através de um de seus estudos desenvolveu em 1917, a obra denominada por ele com o título de Luto e Melancolia. Nesta primícia, Freud abordou a temática do luto a cerca de uma ruptura ligada a uma representação de cunho significativo ao indivíduo, entendendo no luto como algo que transcende a morte física (do corpo), desmistificando o luto apenas através da morte física e intitulando o como luto real e simbólico.

Nesse processo, "o luto leva o Eu a renunciar ao objeto, declarando-o morto e oferecendo ao Eu o prêmio de continuar vivo" (Freud, 1917, p. 142). Através deste trabalho, a representação do objeto é desinvestida e o sujeito pode encontrar novas substituições. O teste da realidade atua, nesse sentido, para a preservação do ego. Ainda em sua obra de 1917, Freud defende que se um objeto não tem para o Eu grande significação sua perda não trará sentimentos fortes o bastante para produzir a vivência do luto. Isso exemplificaria o caráter singular da perda, uma vez que para algumas pessoas está se coloca como uma vivência muito dolorosa, enquanto para outras não.

804

Em Luto e Melancolia (1917), Freud apresenta a mania como um grande gasto de energia, desnecessário e excessivo, direcionado a situações adversas, que resulta em um estado elevado de euforia.

De acordo com Freud, existe uma diferença significativa de resposta entre o luto e melancolia, onde no processo de luto, há um momento de perda, permitindo ao indivíduo sofrer as etapas e após elaborar as perdas. Já no processo de melancolia, ocorre através de um processo mais doloroso, onde a estrutura psíquica melancólica, pode fazer com que a perda, vá além da perda do objeto de amor, trazendo ao indivíduo a sensação de perda de si mesmo.

É importante salientar que em 1917 Freud não articula diretamente a mania com a operação de luto; contudo, em uma análise de experiências clínicas, Rudge (2008) expõe a movimentação onde, o Eu vence o luto, demonstrando sentimentos de triunfo pela "derrota" do objeto perdido. A analogia com os estados de mania configura-se nos casos os quais o Eu toma

a elaboração da perda como um livramento do objeto de sofrimento orgulhando-se com sentimentos de triunfo e prazer (Rudge, 2008).

Considerando a ambivalência que é inerente à relação com o objeto e o grande dispêndio de energia que o trabalho do luto exige, Rudge (2008) utiliza-se das palavras de Freud para supor que a energia mobilizada no trabalho do luto poderia ser liberada para outros destinos e assim provocar, no luto, uma fase de triunfo que seria análoga aos estados de mania. A autora ilustra essa hipótese com casos clínicos que apresentam um elevado aumento de sentimentos narcísicos e de estados eufóricos de desejo sexual.

Outra perspectiva acerca da perda é relatada por Besset (2007), ao indicar que, em alguns casos, o sujeito demonstra angústia, e não luto ou melancolia diante das situações de perda. Nesses casos, há a hipótese de que o sofrimento parece estar diretamente relacionado a um sentimento de decepção, em vez de referir-se propriamente a uma tristeza pela ausência do objeto de amor. Besset (2007) questiona a dimensão do objeto que estaria implicado nessa perda: "É da perda de um objeto de amor que se trata aí ou, como é possível supor, da perda de uma posição de gozo, de satisfação pulsional?" (p. 186). A autora argumenta o luto trazido por Freud no texto *Introdução ao Narcisismo* (1914) para explicar que o fato de amar o outro em si rebaixa a autoestima, enquanto a posição ser amado produz o inverso (Besset, 2007). Outro aspecto levantado por Besset (2007) diz da singularidade de estar inserido na linguagem, e que essa linguagem já implica uma perda, sendo preciso consentir com ela para que seja realizado o trabalho de elaboração do luto.

Após os dados expostos, a psicanálise auxilia no processo de enfrentamento e elaboração do luto, de modo a entender a realidade da perda e sua irreversibilidade, auxiliando o paciente na elaboração de perguntas que o auxiliem e propiciem no processo de se reencontrar, auxiliando o também em revisitar as perdas e comparação das lembranças e memórias, o fazendo visualizar sua perda entendendo a importância, significado e recriando as experiências. No caso do luto objetual mencionado nesta leitura, ainda que reviver seja um processo doloroso, o processo de psicoterapia de forma humanizada, pode auxiliá-lo em dar significado e visar a importância dos momentos e vivências. A escuta, é um processo valioso durante o processo terapêutico visando o luto, de forma a facilitar o processo de amparo e acolhimento, onde através do vínculo e escuta ativa, auxilia o paciente a expor suas angústias durante o período de enlutamento.

CONCLUSÃO

Em virtude dos fatos mencionados neste artigo, ficam expostos que os fatos ocorridos durante o mês de maio na cidade de Eldorado do sul, ficarão marcados, não somente em tabloide de revistas, manchetes e jornais, bem como na memória de todos que perderam além de bens, projetos, sonhos e até mesmo parte de histórias de vida. Como intuito principal, o seguinte tema visou abordar o luto invisível, pouco falado pelo senso comum, visando demonstrar a tamanha complexidade do sofrimento psíquico dos atingidos, tendo em vista que por trás das paredes e colunas de uma casa, não existem apenas tijolos e concretos, bem como, histórias, memórias e lembranças, tanto boas quanto outrora ruins, mas que juntas, constroem o alicerce de um lar, e com ele a história de vida e identidade de cada família.

Após uma revisão narrativa acerca do luto invisível exposto neste projeto, a psicanálise pode ser de suma importância no auxílio e amparo das vítimas, durante o processo de enlutamento. O luto é uma resposta natural as perdas significativas, sejam elas relacionadas à morte de um ente querido, bem como, também pode surgir de outras formas de perda, ao exemplo de divórcio, aposentadoria, demissão e outras mudanças importantes na vida, assim como expostas neste artigo, a evidente perda dos moradores de Eldorado do sul, os quais abdicaram involuntariamente e abruptamente de objetos de vida, sonhos, projetos, entes queridos, lembranças e recordações geracionais.

Cada pessoa enfrenta o luto de maneira única, e não existe uma “forma certa” de vivenciar essa experiência. No entanto, é comum sentir uma ampla gama de emoções, como tristeza, raiva, culpa, ansiedade e até mesmo alívio, dependendo da natureza da perda. É ressignificado.

O processo terapêutico, pode contribuir de forma significativa para o processo de melhoria de qualidade de vida após um processo de luto, onde sabemos, que como neste caso ocorrido através de uma tragédia em massa, pode ocasionar em danos profundos, precisando do auxílio terapêutico para ocorrer um acolhimento de sentimentos e em muitos casos, a validação do luto de perdas materiais que acaba invalidado pelo senso comum. O luto quando não validado, e prolongado a longo prazo, pode acarretar uma sintomatologia a qual pode prejudicar a qualidade de vida do indivíduo, uma vez que sabemos, que durante o processo de recomeço após uma tragédia, além dos bens materiais, recomeçar, pode significar um despertar dos fatos, o qual se não tratado pode ocasionar até mesmo em psicopatologias futuras, quando a dor profunda não é tratada e externalizada. Cabe ainda uma ressalva ao importante trabalho do

terapeuta, o qual além da teoria e técnicas aplicadas, principalmente neste contexto, se faz de suma importância um olhar humanizado acerca do sofrimento psíquico, tendo em vista o acolhimento e empatia com as vítimas as quais fragilizadas e expostas, necessitam de auxílio e amparam durante a reconstrução das estruturas e alicerces de seu lar, o qual através de cada tijolo, esconde por trás uma memória e lembrança de uma vida a qual em fração de segundos se viu submersas pelas águas, lama e lágrimas.

REFERÊNCIAS

Código de Ética Profissional do Psicólogo. Conselho Federal de Psicologia, Brasília, agosto de 2005.

PERROTA, Ana Paula. Animais Domésticos e Desastres: entre a preocupação sanitária e humanitária. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 37, nº 108, 2021.

MOLINA, C. A. Psicología de la emergencia. Chile: BiVa-PaD, 1994. Centro Regional de Información sobre Desastres para América Latina y el Caribe – CRID. Disponível em: http://www.crid.or.cr/crid/CD_Volcanes/pdf/spa/doc13675/doc13675-a.pdf. Acesso em: 23 mar. 2009.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Subjetividade e desastres: a contribuição possível da psicologia. Jornal do Federal. Brasília, ano 18 v. 81, p. 8-9, abr. 2005.

807

INTERVENÇÕES EM RISCOS E DESASTRES: O PAPEL DA PSICOLOGIA NO ACOLHIMENTO DAS DEMANDAS EMOCIONAIS DA POPULAÇÃO QUE SOFRE COM AS ENCHENTES NO RIO GRANDE DO SUL

<https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/14265/7166>

FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia (1917 [1915]). In:

A história do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos (1914- 1916). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 245-263.

AGENCIA BRASIL, 2024KLEIN, Melanie. O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos (1940). In:____. Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945). Obras Completas de Melanie Klein. Vol. I, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1914-1916). Reflexões para os tempos de guerra e morte. (História do Movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos, Vol. XIV). Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud

LOPES, C., & Pinheiro, N. (2013). Notas sobre algumas implicações psíquicas na desconstrução da maternidade no processo de luto: um caso de nascimento-morte. *Estilos da Clínica*, 358-371.

Besset, V. (2007). Luto e angústia: questões em torno do objeto. *Latin-American Journal of Fundamental Psychopathology on Line*, 185-192.

CAVALCANTI, A., Samzuk, M., & Bonfim, T. (2013). O conceito psicanalítico do luto: uma perspectiva a partir de Freud e Klein. *Psicol inf.*

Campos, E. (2013). Considerações sobre a morte e o luto na Psicanálise. *Revista de Psicologia da UNESP*, 13-24.

SEM hospital, escola ou quartel: a cidade que ficou completamente debaixo d'água nas enchentes no Sul

<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cqlnjd87q2go>

<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/eldorado-do-sul.html>

BOSI, E. Cultura e desenraizamento. Em BOSI, Alfredo, org. *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo, Ática, 1987, cap.2, pp. 16-41.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 4. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

BOSI, E *Tempo vivo da memória*. São Paulo, Ateliê, 2003

Eldorado do Sul foi a cidade mais afetada pela enchente, com 80,8% dos domicílios atingidos

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2024/05/eldorado-do-sul-foi-a-cidade-mais-afetada-pela-enchente-com-808-dos-domicilios-atingidos-clwttubaxoo4qo13ufsx8wazp.html>

Rudge, A (2008). Que atos são esses? Luto e acting out. *Psychê*, 67-78 Schmidt, E. (2013). Melancolia, depressão e suas narrativas. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 88-99.